

Uma História de Futebol



UMA HISTÓRIA DE FUTEBOL

*José Roberto
Torero*

com ilustrações de Anna Maria Machado



3

O paulista José Roberto Torero, um dos craques da nossa literatura, escreve pela primeira vez para crianças e jovens. Marcou mais um gol. “Uma história de futebol” é um livro perfeito para quem gosta de ler com emoção, assim como se acompanha um bom jogo.

Zuza e Dico, nossos heróis, são dois meninos fanáticos por futebol. O que a gente vai descobrir é como uma amizade pode mudar nossas vidas — e como um menino do interior pode se tornar o maior jogador do mundo.

Prepare-se para entrar em campo. Você vai participar de um jogo divertido, que se passa lá em 1950, quando Dico ainda não se chamava Pelé.

Agradeço a Paulo Machline, Maurício Arruda e Aziz Naufal, que de certa forma também são autores desta história.

TORERO: UMA ESTRELA NASCE

Ana Maria Machado

Esta novela trata de começos. Começo de vida nova, começo de carreira. Mas nela nada é exatamente o que parece à primeira vista. Como se de algum modo houvesse um jogo de revelar e ocultar, uma brincadeira de esconde-esconde. O jeito é entrar no jogo e ir descobrindo aos poucos.

Em primeiro lugar, podemos jogar um foco de luz no autor. Para ele, este livro também é um começo. Mas só aparentemente. É verdade que estamos diante da estréia de José Roberto Torero para o público infanto-juvenil, mas nem por isso se pode dizer que ele é um autor estreante. Na literatura brasileira mais recente, poucos jovens escritores tiveram tanto sucesso e causaram tanto impacto no público quanto Torero. Seus livros “O Chalaça” e “Terra Papagalli”, misturando ficção com História do Brasil, foram muito bem recebidos pela crítica e pelos leitores.

Logo estavam nas listas dos mais vendidos, foram adotados por escolas, serviram de tema para discussões de alunos com o autor por toda parte. E, além disso, Torero escreve para cinema e televisão, é um roteirista experiente e requisitado, nem dá conta de fazer tudo quanto

é trabalho que vivem lhe pedindo nessa área. É claro, portanto, que não se trata de um estreante, mas de um craque consagrado. Um escritor profissional. Só não tinha ainda era escrito diretamente para crianças e jovens — embora já tivesse sido descoberto pelos adolescentes em seus livros para adultos.

Por outro lado, também não se pode dizer que esta história é nova. Torero já a tinha escrito antes, só que não exatamente desta forma, e nunca a publicou. Explica-se: primeiro ela surgiu com a intenção de ser um pré-roteiro, um texto que se escreve antes do roteiro (que é o esqueleto para se fazer um filme, indicando cenas, tomadas, luz, locações, cortes, num tipo de escrita bem especializado). Só que era um pré-roteiro muito diferente, porque surgia depois de um filme pronto e...

Ei, espera aí! “Pré” não quer dizer antes? Então, como é que “pré-roteiro” pode ser depois? Devia ser “pós-roteiro”...

Calma que eu explico. Já havia um filme pronto com esta história (cujo roteiro foi escrito pelo Torero e pelo Maurício Arruda), mas era um curta-metragem. E tinha ganho muitos prêmios (19, para sermos exatos), dos Estados Unidos à Índia, passando pela Espanha e mais um monte de festivais no Brasil. Então o diretor, Paulo Machline, foi convidado para transformar esse filme curtinho num longa-metragem. E chamou os roteiristas para participar do projeto, desenvolvendo um novo pré-roteiro. Justamente o texto que Torero acabou transformando neste livro.

Mas então, como foi que começou mesmo? É melhor deixar que o próprio José Roberto Torero explique:

"Este livro começou a nascer há muito tempo, em Bauru. Ali, o verdadeiro Zuza, que se chama Aziz Naufal, jogou mesmo futebol com Pelé num time chamado Sete de Setembro, que era o nome da rua onde os meninos jogavam.

"O tempo passou e o seu Naufal foi trabalhar numa grande empresa, onde também trabalhava um sujeito chamado Paulo Machline, que torcia para o Santos. Um dia, depois de uma derrota do Santos, Paulo estava de mau humor e o seu Naufal, para melhorar o humor do seu amigo, contou uma história interessante, que, nos seus tempos de menino, tinha jogado com Pelé, que na época era chamado de Dico.

"Paulo, que gostava muito de cinema, gostou tanto da história que decidiu fazer um curta-metragem sobre ela. Ele já tinha um argumento, mas precisava de alguém para escrever o roteiro. E assim me chamou e ao Maurício Arruda (que torce para o São Paulo mas é gente boa).

"Nós fizemos o roteiro e depois o Paulo dirigiu o filme, que ganhou um monte de festivais importantes, como os de Nova York e Bombaim, na Índia. E, depois, o filme até disputou o Oscar de melhor curta-metragem."

Ah, sim, agora ficou mais claro. Só não dá para entender direito esse Pelé que aparece de repente aí no meio da explicação dele. É o Pelé mesmo? O Rei Pelé? O maior jogador de futebol de todos os tempos?

Pois é justamente ele. Esta história que você vai ler é baseada diretamente na vida do menino Edson Arantes do Nascimento, que depois ia conquistar o mundo com o nome de Pelé, mas que nesse tempo ainda vivia em Bauru e tinha o apelido de Dico. E o José Roberto Torero, que adora misturar História e ficção quando escreve, desta vez não ficou tratando do Imperador D. Pedro II, nem da corte, nem do Brasil colonial, como nos outros livros, mas mergulhou de cabeça numa época muito mais recente e criou uma novela juvenil que, ao mesmo tempo, tem muitos elementos biográficos do grande jogador.

O futebol é uma das grandes paixões brasileiras, mas em nossa literatura de ficção são muito raros os livros que tratam desse tema. Em compensação, quando surgem, temos algumas obras-primas. Para jovens, "O Caneco de Prata", de João Carlos Marinho, e "A Vingança do Timão", de Carlos Moraes, são livros divertidíssimos e muito bem escritos. E mais adiante, se você se interessar e encontrar numa biblioteca o romance "Água-mãe", do paraibano José Lins do Rego, ou os contos que compõem "Maracanã, Adeus", do carioca Edilberto Coutinho, pode ler sem susto, porque são ótimos. Todos têm em comum o fato de terem o futebol como assunto principal, mas ao mesmo tempo vão muito além desse tema. "Uma História de Futebol" também é assim. É divertido quando fala do esporte e dos sonhos, amores e dificuldades dos meninos no seu dia-a-dia. Mas é comovente ao desenvolver paralelamente o mistério do pai do Zuza, ou ao nos fazer enfrentar o que acontece com o Aviador — só que eu não vou contar nada disso agora, para não perder a graça.

Nem tenho nada que me meter a contar de novo o que o autor conta tão bem. Você vai ver só. O estilo dele é leve, direto, divertido. Como tem a ver com a linguagem de roteiro,

é mesmo meio cinematográfico. Parece que a gente está vendo cada cena, de tão bem apresentada. E os diálogos são ótimos! Do jeito exato que a gente fala, coisa que só quem é bom mesmo de escrita consegue fazer. Estou apostando que “Uma História de Futebol” vai ser um sucesso. E daqui a uns tempos, quando o José Roberto Torero estiver ganhando prêmios na literatura infanto-juvenil, você vai poder afirmar: "Ih, esse aí? Eu acompanho desde que ele começou. Sempre foi um craque."

Como o Pelé, nestas primeiras vitórias que agora estão à sua espera. É só entrar em campo e devorar o livro.

Ei aproveite bem este livro, o trabalho para disponibilizá-lo foi árduo!!!

Salmo Santos

JANEIRO

Acho que aquele foi o melhor ano da minha vida.

E o engraçado é que ele começou como todos os outros: em janeiro. Aliás, janeiro sempre foi o meu mês favorito. Por causa do sol e, principalmente, por causa das férias. Eu estava em casa colando figurinhas quando ouvi um "fiiiiiui!".

Era o assobio do Dico, o meu melhor amigo. Assim é que ele me chamava para jogar futebol. A gente tinha inventado esse sinal porque minha mãe, sei lá por quê, preferia que eu estudasse matemática em vez de jogar bola. Então, quando o Dico assobiava, eu pulava a janela do quarto e ia jogar com ele.

Aí nós saímos correndo para convocar o resto do pessoal. Cada um dos 11 jogadores do nosso time era um cara muito especial, uma figurinha mesmo. Aliás (eu adoro essa palavra), isso me deu uma idéia. Do lado de cada um dos jogadores do nosso time, vou deixar um espaço para você colocar uma figurinha. Ou fazer um desenho. Ou não fazer nada.

Primeiro passamos na casa do Azeitona, que era bem gordo e gostava de jogar de goleiro. Ele sempre aparecia comendo alguma coisa. Naquele dia foi um sanduíche com ovo frito, queijo, presunto, alface, toucinho e tomate. De vez em quando um caldo escorria pela mão do Azeitona, mas ele logo dava uma lambida. O Azeitona não desperdiçava comida.

Depois passamos na casa do Bala. Ele tinha esse apelido porque corria muito rápido, feito uma bala.

Aí fomos chamar o Espaguete, que era o cara mais alto do time. E ele gostava de andar de perna de pau, o que deixava o Espaguete ainda mais comprido.

Dali demos um pulo até a delegacia para chamar o Tom Mix. Ele não estava preso, é que o pai dele era o delegado da cidade. O Tom Mix jogava com cara de mau. Era o xerife do nosso time.

O Veludo era sempre o que mais demorava para sair. Ele ficava horas se arrumando. O mais impressionante é que mesmo depois do jogo, o Veludo nunca ficava sujo ou desarrumado.

Tinha também o Cosme e o Damião. Eles eram gêmeos, iguaizinhos mesmo, e sempre confundiam a gente.

Depois passamos na casa do Arigatô, que era filho de japoneses. Eu nunca vi um sujeito mais educado que aquele. O Arigatô falava arigatô para tudo, por isso que a gente colocou esse apelido nele.

O Pé-de-cabra era o mais briguento de todos. Se a gente assobiasse duas vezes, ele já ficava bravo e dizia que ia quebrar o dente de quem assobiasse de novo.

E, para completar o time, tinha o Dico e eu, que me chamo Zuza. O Dico era muito, mas muuuito bom. E eu era ruim, mas muuuito ruim. Mesmo assim eu gostava muito de jogar bola.

Bom, depois eu, Dico, Cosme, Damião, Azeitona, Bala, Arigatô, Veludo, Tom Mix, Pé-de-cabra e Espaguete (com a sua perna de pau) corremos em direção ao campinho.

Quando nós chegamos, a Senira já estava lá. Ela era a única menina que eu conhecia que também gostava de futebol. Às vezes ela até entrava no time e jogava com a gente. O Dico dizia que ela era apaixonada por mim, mas eu não levava isso a sério.

Dividimos todo mundo em dois times, com seis para cada lado. O Azeitona ficou num gol e a Senira ficou no outro. Eles é que escolheram os jogadores.

Nessa hora eu sempre ficava meio nervoso, ainda mais que demoravam muito para me escolher. A Senira ganhou no par-ou-ímpar e logo escolheu o Dico. O Azeitona ficou com o Bala. Aí foram escolhendo os jogadores até que só sobramos eu e o Arigatô.

Então o Dico falou para a Senira:

-"Escolhe o Zuza!"

Ela sabia que o Arigatô era melhor que eu, e que o Dico só disse aquilo porque era meu amigo. Mesmo assim, deu um sorrisinho e falou: "Vem, Zuza." E eu fui, que, se tem uma coisa triste, é ser o último a ser escolhido.

Depois o Azeitona chamou o Arigatô e o Arigatô falou: "Arigatô!"

Quando começou o jogo, logo de cara o Dico driblou dois e cruzou para mim. Eu olhei para cima para ver a bola chegando, mas aí eu vi um avião e perdi a concentração. A bola bateu na minha cabeça e foi pra fora. Eu nem liguei. Continuei olhando para o céu. Aliás (eu adoro essa palavra), todo mundo parou de jogar e ficou olhando para o céu, onde o Aviador fazia manobras.

O Aviador era o professor de pilotagem da cidade. Mas o mais legal era quando desenhava umas palavras com fumaça. Ele era o nosso ídolo. Eu e o Dico sempre dizíamos que, quando a gente crescesse, também seríamos aviadores para ficar passeando pelas nuvens de Bauru. Aliás (eu adoro mesmo essa palavra), eu já tinha dito que minha cidade se chama Bauru? Pois é, esse é o nome dela. Hoje em dia existe um sanduíche com esse nome, mas naquele tempo, não.

Bom, depois que o avião sumiu de vista, a gente continuou a partida, que acabou 6 a 2 para o time da Senira. O Dico fez cinco gols e o Pé-de-cabra fez o outro. Pelo time do Azeitona, um gol foi do Cosme e o outro foi meu, contra.

Depois do jogo, cada um foi para o seu lado. Eu e o Dico estávamos voltando para casa quando ele falou:

- "Zuza, e se a gente fosse ver o avião do Aviador?"

Eu sabia que devia dizer: "De jeito nenhum, Dico, que a minha mãe falou para eu chegar cedo em casa e eu não posso ficar andando por aí sozinho, ainda mais sem avisar nada para ela."

Mas o que eu disse foi: "Vamos!"

E nós dois saímos correndo para o campo de aviação.

O campo de aviação era um lugar muito bacana, com uma pista muito grande, um gramadão e uns quatro hangares, que é o nome da garagem onde ficam os aviões.

A gente passou por debaixo da cerca e foi chegando bem devagar até o hangar do avião do Aviador, que estava com a porta aberta. Nós entramos com muito cuidado, olhando o chão para não pisar em nada que fizesse barulho.

O avião estava coberto, mas dava para ver as rodas e, levantando um pouco a lona, deu para ler o nome dele. Era Pássaro de Fogo e tinha umas chamas pintadas em volta das letras.

- "Legal à beça!", eu disse.

- "Legal à beça", disse o Dico.

A gente pensava muito parecido. Tanto que nós dois tivemos a mesma idéia: entrar na cabine. Eu já estava até fazendo escadinha para o Dico quando a gente escutou um barulho.

Bem rápido a gente se escondeu embaixo do avião.

Então vimos duas pernas passarem pela gente. Aliás, duas não. Uma e meia, porque era um homem manco, com uma perna mais curta que a outra. E quando ele andava, fazia um barulho assim: plic-ploc, plic-ploc, sendo que o ploc era o som da perna boa e o plic era o som da perna ruim. Nós ficamos com muito medo e, para piorar, ele ficou dando voltas em torno do avião. Nem respirar a gente respirava. Aquele plic-ploc era o som mais terrível que eu já tinha escutado. Mas o pior mesmo foi quando ele parou de andar. Eu e o Dico olhamos um para o outro sem saber o que fazer. E reparamos que ele começou a se abaixar bem devagarinho. Quando nós ficamos cara a cara, eu e o Dico arregalamos os olhos e gritamos "Aaaaaaaaahhh!", assim mesmo, com um monte de "a", e saímos correndo. O homem manco deu uma tremenda gargalhada e isso fez a gente correr ainda mais rápido.

Eu e o Dico ainda estávamos nos recuperando do susto quando viramos uma esquina e demos de cara com o Maurinho, um garoto que a gente chamava de Mauzinho porque ele era uma peste.

Ele falou: "Olha só os dois pombinhos namorados."

Eu respondi: "Se a gente é pombinho, você é um papagaio depenado!" Eu sabia que não era uma grande resposta, mas foi a melhor que eu encontrei na hora.

O Mauzinho continuou provocando: "Por que vocês não dão as mãozinhas, hem?"

E o Dico respondeu: "Vamos dar uma mãozinha é na sua cara."
"Podem vir!"

Nós fomos. E apanhamos. Mas o pior é que ainda por cima ele levou a nossa bola.

Para compensar a tristeza pela surra que ganhamos e pela bola que perdemos, decidimos comer goiaba da árvore da minha vizinha. Mas, como aquele dia estava muito azarado, ela pegou a gente. Essa vizinha se chamava dona Maria das Dores e era muito mal-humorada.

Tanto que seu apelido era bruxa das goiabas.

Ela pegou cada um de nós por uma orelha e nos levou até a minha casa. Aí ela falou para o meu pai:

- "Encontrei estes dois meninos de novo no meu pé de goiaba!"

- "De novo, dona Das Dores!? Mas não é possível!"

- "Eu que o diga! Assim não sobra nada para eu fazer meus doces."

- "Pode deixar, dona Das Dores, pode deixar que dessa vez eu vou dar umas boas palmadas nesses dois."

Ela ficou muito satisfeita com essa frase e saiu. Aí o meu pai olhou sério para a gente e disse com a voz bem grossa: "Vocês dois, venham comigo!"

Ele nos levou até um quartinho atrás da casa, onde ficava a sua carpintaria. Nós já estávamos esperando uma bronca daquelas, mas o que veio foi a maior surpresa daquelas férias. O meu pai tinha feito dois carrinhos de rolimã, um para mim e outro para o Dico.

- "O senhor não vai dar bronca na gente?", eu perguntei.

- "Nem vai contar para o meu pai?", perguntou o Dico.

- "Eu devia. Mas não vou. No meu tempo eu também roubava muita goiaba. Mas não roubem demais porque dá dor de barriga."

Aquilo salvou o dia. Para comemorar, eu e o Dico estreamos os carrinhos de rolimã pelas ruas de Bauru.

Não era um avião, mas era quase.

FEVEREIRO

"Tudo que é bom dura pouco", dizia a minha mãe.

E eu coloquei essa frase bem no começo deste capítulo porque naquele mês de fevereiro as férias terminaram.

No primeiro dia de aula, apesar da preguiça, eu e o Dico estávamos felizes porque reencontramos a professora, que se chamava Rosa. A gente achava que ela era a mulher mais linda do mundo. Ou melhor, a partir daquele dia ela era a segunda.

É que a professora Rosa apresentou uma aluna nova para a classe:

"Gente, essa é a Carmencita. Ela veio de um país chamado Uruguai e fala uma língua um pouco diferente da nossa, o espanhol. Eu quero que todo mundo seja amigo dela e faça a Carmencita se sentir como se estivesse em casa."

A Carmencita era linda! Os cabelos eram muito loiros e os olhos eram muito azuis. Ela desbancou a professora. Todos os meninos da classe, que eram os jogadores do nosso time mais o Mauzinho e a turma dele, ficaram apaixonados pela Carmencita. Só a Senira é que não gostou muito dela. Mas aquele dia ainda teria outra novidade: na hora da aula de educação física, o professor Adamastor falou para a gente que estavam abertas as inscrições para um campeonato de futebol entre as escolas da cidade. Na mesma hora eu falei para o Dico.

- "Vamos inscrever o nosso time?"

- "É claro que vamos!", ele me respondeu.

Mas, para nosso azar, o Mauzinho, que estava logo atrás da gente, ouviu nossa conversa e disse: "Vocês não têm a menor chance. Esse campeonato é nosso!"

- "Isso é o que a gente vai ver!" Falou o Dico com cara de bravo.

- "Vão mesmo", disse o Mauzinho bem tranquilo.

Aquilo deixou o nosso pessoal meio cabisbaixo. O time do Mauzinho era muito bom, e ele tinha uns jogadores bem maiores do que a gente. À tarde, depois da aula, eu e o Dico reunimos o time no campinho.

O Dico perguntou: "Nós vamos entrar nesse campeonato ou vamos desistir?" Todo mundo coçou a cabeça, sem saber o que dizer. Mas o Dico era esperto e perguntou de outro jeito: "Nós vamos entrar nesse campeonato ou vamos desistir feito uns menininhos de sete anos?"

Ai todo mundo falou ao mesmo tempo que sim, que nós iríamos participar do campeonato e que íamos ganhar e que com a gente ninguém podia.

Então o Tom Mix perguntou: "E qual o nome do nosso time?"

Ficou a maior dúvida. Cada um deu um palpite.

Azeitona: "Chocolate Sport Club."

Bala: "Corisco!"

Espagete: "Grêmio de Futebol Pernas-de-pau."

Arigatô: "Tóquio Esporte Clube."

Pé-de-cabra: "Brigões!"

Dico: "Pássaro de Fogo!"

Veludo: "Clube de Desporto Elegância."

Cosme: "Atlético..."

Damião: "... Bauruense!"

A gente não conseguia decidir por nenhum dos nomes, até que eu olhei para a placa da rua onde ficava nosso campinho. Estava escrito: Sete de Setembro. Aí eu falei: "Por que a gente não põe o nome de Sete de Setembro? É o nome da rua onde a gente joga e também é o dia da Proclamação da República."

- "Da Independência, seu burro!", falou o Azeitona.

- "Tanto faz", respondi, "o importante é que é um feriado."

Esse argumento resolveu a questão, porque a gente achou muito bacana dar o nome de um feriado para o time.

Nisso chegou o Mauzinho e a turma dele com a bola que tinha sido roubada da gente. Eles perguntaram se a gente queria jogar uma partida contra eles, só para fazer um treino. A gente aceitou. Que bobagem...

Já na primeira jogada, o Dico passou uma bola por debaixo das pernas do Mauzinho. Ele não agüentou a humilhação e deu-lhe um carrinho por trás. O Dico se estatelou no chão e teve até que sair do jogo. Depois daquilo, com todo mundo intimidado (até o Tom Mix), nós não acertamos mais nenhum passe. Quando o time do Mauzinho fez 7 a 0, o jogo acabou e eles foram embora tirando o maior sarro da gente. E o pior é que a Carmencita e a Senira viram tudo.

Depois da derrota, todos nós achamos melhor esquecer aquela história de campeonato.

Quando estávamos voltando para casa, de cabeça baixa e mancando, eu e o Dico passamos pelo estádio do Bauru Atlético Clube, que todo mundo chamava só de BAC. Ali era onde o seu Dondinho, o pai do Dico, jogava. O seu Dondinho era centroavante, e dos bons. Como o BAC estava treinando, nós entramos e sentamos na arquibancada para assistir um pouco.

Lá pelas tantas o pai do Dico fez uma linda jogada, mas, quando ia chutar, sentiu uma dor e saiu do treino. Então ele veio falar com a gente na arquibancada e explicou o problema que ele tinha no joelho.

O seu Dondinho disse que, um dia, há muitos anos, ele estava fazendo um teste no Atlético Mineiro, um time muito importante. Ele vinha jogando muito bem, empolgando o técnico e o presidente do clube. Mas aí um beque entrou firme no joelho dele, e o seu Dondinho teve que sair do campo na maca. Os médicos tiraram umas chapas e viram que ele tinha estragado uma coisa chamada menisco. E o pior é que o Atlético não quis ficar com um jogador machucado.

Depois disso o seu Dondinho nunca mais foi o mesmo e só conseguia jogar em times pequenos, que nem o BAC. Quando a gente saiu dali, o Dico me disse:

- "Ouviu a história do meu pai?"

- "Ouvi."

- "Então, é por isso que eu quero ser aviador em vez de jogador de futebol."

Quando o Dico falou isso, eu tive a idéia de voltar ao hangar para visitar o Pássaro de Fogo. Ele topou na hora. Nós conseguimos entrar no hangar e dessa vez até subimos no Pássaro de Fogo, que estava sem lona por cima.

Ele tinha dois lugares. Eu fiquei na frente e o Dico no banco de trás. Aí nós ficamos brincando de pilotar. Eu falei assim:

"Pronto para decolar, capitão Dico?"

"Pronto, piloto Zuza."

"Então vamos lá!"

E nós dois começamos a fazer "tu-tu-tu-tu-tu-tu", que era o barulho do nosso motor.

"Estou vendo um inimigo à frente, capitão Dico!"

"Fogo nele, piloto!"

E aí fizemos "tá-tá-tá-tá-tá-tá", que era o barulho da nossa metralhadora.

Depois de destruir três inimigos, eu já estava meio cansado daquela brincadeira e falei para o Dico:

"Acho que agora eu queria jogar bola."

"Eu também, mas a nossa ficou com o Mauzinho..."

"Droga, como é chato ficar sem bola..."

Aí a gente ficou um tempo calado. Foi quando uma voz bem grossa falou:

"Já pousaram ou vão destruir mais algum inimigo?"

Era o mecânico manco! E ele já devia estar ali olhando para nós há um tempão. Nós pulamos na hora e saímos correndo. Ele ainda fez um barulho assim: "tá-tá-tá-tá", como se estivesse atirando na gente.

Fugimos dali tão rápido que acho que nem um avião nos alcançaria. Já era quase noite quando eu cheguei em casa, e ainda tinha que fazer a lição (que eu sempre deixava para depois).

Era um questionário sobre a minha família. Na hora de escrever o nome da minha mãe foi fácil: Maria. Mas eu fiquei em dúvida de como se escrevia o nome do meu pai: Isósceles é um nome complicado. Eu arrisquei e perguntei para o meu pai se estava certo. Ele olhou a lição durante muito tempo e disse que sim. Mas no dia seguinte, quando eu entreguei o questionário para a professora Rosa, ela me corrigiu, dizendo que eu tinha escrito Izósceles mas o certo era Isósceles. Eu não entendi uma coisa: se o nome estava errado, por que o meu pai não falou?

Naquele dia o Dico tinha tido a idéia da gente passar em frente à casa da Carmencita. Ia ser um encontro sem querer, mas de propósito.

Nós ficamos indo e voltando na calçada dela, até que finalmente ela saiu.

"Oi, Carmencita!", nós dissemos ao mesmo tempo.

"Hola!", ela respondeu.

-"Que coincidência a gente se encontrar aqui!", o Dico falou.

-"Nós estávamos passando por acaso...", eu disfarcei.

-"A gente sempre passa aqui por acaso", completou o Dico.

Aí nós íamos tirar par-ou-ímpar para ver quem levava os livros dela, mas a Carmencita foi muito bacana e deixou que cada um levasse metade.

Depois da aula, eu, o Dico e o resto do time nos reunimos no campinho, mas não teve pelada porque não tínhamos bola. Estava todo mundo meio desanimado até que, para nossa surpresa, a Senira apareceu e disse que nós éramos um bando de medrosos.

"Eu não sou medroso", disse o Pé-de-cabra.

"Nem eu!", falou o Azeitona.

"Nem nós!", berraram Cosme e Damião.

"Então vocês têm que entrar nesse campeonato de qualquer jeito, nem que seja para perder", falou a Senira, "porque quem é corajoso mesmo joga até quando a vitória é difícil!"

Aí todo mundo começou a dizer que era corajoso. Aliás (fazia tempo que eu não usava essa palavra), cada um começou a dizer que era o mais corajoso da turma, o que começou a dar confusão. Primeiro a gente gritou, depois demos uns empurrões uns nos outros e aí nós começamos a brigar mesmo.

Foi o maior quebra-pau, porque cada um brigava contra todo mundo, e assim fica difícil alguém ganhar.

De repente, sem que eu percebesse, apareceu no campo o mecânico do avião e me segurou. Pensei que eu estava perdido. Então ele pôs a mão dentro de uma sacola. Achei que fosse tirar uma palmatória e me bater por causa do avião. Mas ele tirou foi uma bola novinha e disse para a gente começar a treinar em vez de brigar, para não fazermos feio no campeonato. Depois ele jogou a bola no meio do campinho e nós corremos atrás dela. Logo todos começamos a treinar e ficamos amigos de novo.

Quando eu cheguei em casa, queria falar com o meu pai sobre o campeonato, mas aconteceu uma coisa muito estranha. Pela primeira vez na vida eu fui dormir e o meu pai ainda não tinha chegado em casa. E eu percebi que a minha mãe ficou bem preocupada e que alguma coisa estava errada.

MARÇO

Naquele mês a gente continuou com a nossa rotina de ir à escola, jogar futebol e passar "por acaso" na frente da casa da Carmencita. Só que agora eu ficava disputando com o Dico para ver quem contava mais vantagens para ela.

Eu dizia que era ótimo em português e que se ela quisesse eu podia lhe dar umas aulas particulares.

O Dico falava que ele era ótimo em futebol e que podia ensinar a Carmencita a dar uns dribles.

Eu tinha certeza que ela estava apaixonada por mim. O Dico tinha certeza que era por ele.

Em março também aconteceu uma coisa muito ruim. Eu estava na casa do Dico e ouvi a minha mãe dizendo para a mãe dele, a dona Celeste, que achava que o meu pai estava fazendo alguma coisa errada, porque todos os dias chegava tarde em casa.

"O que pode ser, Maria?", perguntou a dona Celeste.

"Não sei. Mas ele nem quer falar sobre o assunto. Já perguntei por que ele estava chegando àquela hora e ele disse que era coisa dele, e que não ia falar sobre isso porque tinha vergonha."

"Isso é muito estranho... O compadre Isósceles não é dessas coisas.

"Não era, Celeste, não era..." E aí minha mãe pôs a cabeça no ombro da dona Celeste e começou a chorar.

ABRIL

Primeiro de abril é conhecido como o dia da mentira. Mas para o nosso time foi o dia da verdade.

É que foi quando nós disputamos o primeiro jogo do campeonato. O adversário era o Gigantes da Curuçá. E aquele time merecia esse nome, porque era formado por 11 grandalhões.

O começo da partida não podia ser pior. O Dico parecia jogar contra 20 jogadores, porque ninguém no nosso time acertava as tabelas com ele. Mas pelo menos o Azeitona segurava tudo e o primeiro tempo terminou 0 a 0.

No intervalo, nós tínhamos certeza que a derrota era só uma questão de tempo, porque a gente estava jogando muito mal. Todo mundo corria para cima da bola e nós parecíamos perdidos em campo. Se os Gigantes fossem um pouco melhores, já teriam ganho da gente.

Para piorar, aquele campeonato era do tipo mata-mata, ou seja, quem perdesse um jogo era eliminado.

Mas aí, quando nós estávamos conversando (aliás, gritando uns com os outros) para ver o que podia ser feito para o segundo tempo, escutamos um plic-ploc, plic-ploc. Era o mecânico manco do avião:

"Garotos, meu nome é Landão. Eu posso dar uma ajuda para vocês?"

"Claro, pode falar, seu Landão", disse o Dico.

E o seu Landão desandou a dizer coisas como se entendesse muito de futebol:

"Meninos, é o seguinte: o Espaguete, que é muito grande, devia jogar na defesa e não no ataque. O Cosme tem que sair da ponta-direita e o Damião da ponta-esquerda. Como vocês são muito unidos, vão fazer uma ótima dupla de meio-de-campo. O Bala, que é muito rápido, vai jogar na lateral-direita, que assim ele pode correr para o ataque e para a defesa. O Tom Mix vai ficar bem no meio da zaga e o Veludo vai ficar na lateral-esquerda. O Arigatô sai da defesa e vai jogar na ponta- direita. O Pé-de-cabra, que é bem invocado, vai ser o nosso centroavante. E o Dico vai ser o meia, o maestro do time."

O seu Landão já ia se esquecendo de mim. Mas aí ele viu que sobrou a ponta-esquerda e me mandou para lá.

Parecia mentira, mas com aquelas mudanças o time começou a jogar muito melhor. Tanto que a gente ganhou de 3 a 0. Eu não fiz nenhum gol, mas isso não tinha importância. No dia seguinte, logo depois da escola a gente já estava no campinho e o seu Landão ficou por ali. Agora ele era o nosso técnico.

Quando acabou o treino, eu não agüentei e perguntei para ele:

"Seu Landão, por que o senhor tem uma perna de cada tamanho?" Todo mundo estava querendo saber aquilo, mas ninguém tinha tido coragem de perguntar. Então ele sentou num banco, coçou a perna ruim e começou a falar:

"Isso já faz muito tempo, meninos. Eu era jogador de um time muito bom, o Alvorada de Pirassununga, mas, um dia, um jogador muito malvado entrou na minha perna de jeito e ela quebrou. Para piorar, os médicos fizeram um monte de coisas erradas e ela acabou ficando mais curta que a outra."

"Oooohhh...", nós dissemos.

Mas o seu Landão era um cara bem-humorado e disse que aquilo não tinha o menor problema, tanto que ele mesmo fazia piadas sobre a perna dele: "Até me coloquei uns apelidos."

"Quais?", nós perguntamos.

"Ponto-e-vírgula, um-na-rua-o-outro-na-calçada e mentira."

"Por que mentira?", quis saber o Tom Mix.

"Porque a mentira tem perna curta", respondeu o seu Landão.

Nós seguramos a risada um pouco, mas logo depois todo mundo começou a rir. Até o seu Landão. Aí ele bateu palmas e disse: "Chega por hoje, molecada. Agora quero que todo mundo vá fazer as lições de casa."

Cada um foi para um lado, mas antes que eu e o Dico saíssemos, o seu Landão disse para a gente: "Vocês, não. Eu tenho uma conta para acertar com os dois."

O seu Landão fez com que nós o seguissemos até o hangar do Pássaro de Fogo.

"Podem entrar", ele disse. "Mas quero os dois no banco de trás."

A gente pulou para dentro do avião na hora. Mas o melhor ainda estava para acontecer. É que depois de um tempo o Aviador apareceu e entrou no banco da frente do avião. Ele não disse nada, só deu um par de óculos de voar para mim e outro para o Dico. Nós ficamos parecendo duas moscas gigantes. Aí o seu Landão mandou a gente apertar os cintos e o avião decolou. Eu e o Dico voamos pela primeira vez na vida.

Foi só uma voltinha. Mas foi muito melhor do que carrinho de rolimã.

MAIO

Uma noite, quando eu estava sonhando com a Carmencita, acordei com uns gritos. Era o meu pai e a minha mãe tendo uma briga como nunca tinham tido antes.

Ela perguntou:

"Onde você estava?"

E ele respondeu: "Não posso falar."

Ela gritou: "Você estava com outra mulher?"

E ele cochichou: "Mais ou menos..."

Ela berrou: "Que história é essa, Isósceles!?"

E ele murmurou: "Um dia eu explico, Maria. Mas agora não, que o Zuza pode escutar."

Era tarde demais. Eu já tinha ouvido tudo. Se bem que não tinha entendido nada. No dia seguinte eu contei isso para o Dico. E ele teve uma ótima idéia:

"Vamos seguir o seu pai."

"Seguir o meu pai?", eu perguntei.

"É. Você não quer saber o que está acontecendo?"

"Quero..."

"Então! Eu fico do lado de fora da sua casa e, quando ele sair, eu assobio. Aí você pula a janela e a gente vai atrás dele."

O plano do Dico funcionou direitinho. O meu pai saiu e lá fomos nós. Ficávamos sempre a uma quadra de distância e nos escondíamos atrás das árvores, dos carros e das cercas. Durante uns 20 minutos nós o seguimos. E então aconteceu o que eu não esperava: meu pai entrou na casa da professora Rosa!

O Dico não disse nada. Só arregalou os olhos e abriu a boca, o que queria dizer: "Não acredito!"

Já eu abaixei a cabeça e fiquei olhando o chão, o que queria dizer: "Mas é verdade..." E o pior foi quando a gente rodeou a casa e viu que a professora segurou na mão do meu pai.

A minha mãe tinha razão, o meu pai tinha outra mulher. Depois daquele dia foi muito duro encarar a professora e eu nem prestava mais atenção na aula.

JUNHO

A segunda partida do campeonato foi contra o Milionários Sport Club, o time do colégio mais caro da cidade. Os jogadores eram todos bem branquinhos, tinham as melhores camisas, as melhores chuteiras, o melhor tudo. Mas jogavam muito mal.

Eles não davam carrinho para não sujar os tênis, não entravam em bola dividida para não amassar a roupa e nem corriam muito para não suar a camisa. Foi uma lavada. Nós ganhamos de 12 a 0. Só o Dico fez sete gols. O Pé-de-cabra fez três, e Cosme e Damião fizeram um gol cada.

Eu não fiz nenhum, mas dei um chute que passou quase perto.

Essa foi a parte boa do mês. A ruim foi que os meus pais continuaram brigando. Eu tive vontade de contar para a minha mãe que o pai estava indo à casa da professora Rosa. Mas fiquei calado.

JULHO

Eu não sei se já disse que nós estávamos no ano de 1950. De qualquer modo, digo agora: nós estávamos no ano de 1950.

E naquele ano a Copa do Mundo foi disputada aqui no Brasil. A final aconteceu no dia 16 de julho. O Brasil jogou contra o Uruguai, em pleno Maracanã.

Todo mundo dizia que nós íamos ganhar fácil, fácil. E o melhor é que só precisávamos do empate para sermos campeões. A certeza era tanta que a festa já estava até preparada. Lá em Bauru as famílias colocaram umas mesas bem no meio da rua e puseram um monte de guloseimas em cima delas. Depois da vitória ia ser um banquete tremendo. E para mim seria uma festa dupla, porque eu estava planejando pedir a Carmencita em namoro.

Eu já lhe tinha carregado sei lá quantos livros, já tinha passado cola sei lá quantas vezes, já tinha pago sei lá quantos sorvetes e já tinha escrito sei lá quantos versos. Aliás, isso eu sabia sim. Eram sete versinhos que diziam:

**Não há como negar,
és a mais bela do mundo,
e também de toda a escola.
Se comigo aceitar
namorar por um segundo,
para sempre vou te dar
sorvete, carinho e cola.**

Era uma poesia bem chifrim, mas foi o máximo que eu consegui fazer. Fiquei até pensando se eu era pior jogador de futebol ou poeta. Acho que deu empate. Naquele tempo ainda não tinha televisão, por isso a gente acompanhava os jogos pelo rádio. O seu Dondinho tinha até comprado um aparelho novo para ouvir a Copa. Eu fui à casa do Dico escutar a transmissão. Mesmo porque, lá na minha as brigas continuavam.

No primeiro tempo, todo mundo na sala estava otimista, só esperando pelo primeiro gol. Mas ele não saiu logo de cara. E não foi saindo... não foi saindo... e não saiu.

No intervalo, a dona Celeste fez pipoca para a gente, mas estava todo mundo tão nervoso que ninguém comeu nada.

Quando começou o segundo tempo, o seu Dondinho esfregava as mãos, o Dico coçava a cabeça, a dona Celeste rezava e eu roía as unhas.

Mas aí, logo no começo, o Brasil fez 1 a 0. Foi a maior alegria! Todo mundo se abraçou. A dona Celeste me apertou tanto que eu até tossi.

Depois disso o Uruguai começou a atacar. E, não demorou muito, eles conseguiram o empate.

Daí para a frente foi terrível. Cada ataque dos uruguaios era um desespero, porque nós queríamos muito ganhar aquela Copa. Parecia que, se o Brasil vencesse, tudo ia dar certo e nós seríamos o país mais poderoso do mundo.

Apesar do nervoso, o empate nos dava o título. E eu não conseguia parar de pensar naquelas mesas cheias de comida no meio da rua. Mas aí, quando faltavam uns dez minutos

para acabar a partida, eles fizeram 2 a 1. O Brasil até que tentou fazer outro gol, mas não conseguiu...

As pessoas colocaram uns lençóis sobre as mesas. Ninguém comeu nada. Parecia que tinha morrido alguém. Nem o seu Dondinho conseguiu segurar as lágrimas. E o Dico perguntou para ele: "Por que o senhor está chorando, pai?" E ele respondeu: "Porque eu queria muito ganhar aquela taça, filho."

"Um dia eu ganho uma para o senhor", falou o Dico.

E quando ele disse isso, o seu Dondinho chorou ainda mais e apertou nós dois com muita força.

Eu tossi de novo.

O grande herói daquele jogo foi um uruguaio chamado Obdulio Varela. Eu e o Dico prometemos nunca esquecer aquele nome.

Depois de algum tempo, nós dois fomos dar uma volta pela cidade. As ruas estavam desertas. Andávamos cabisbaixos, chutando latas, sem saber para onde ir. Mas, por uma grande coincidência, talvez com uma certa ajuda nossa, acabamos indoparar bem na rua da Carmencita.

Aí eu disse para mim mesmo: "Nós perdemos a Copa, mas se a Carmencita aceitar namorar comigo, fica 1 a 1. Uma tristeza e uma alegria." Então eu botei a mão no bolso para ver se a minha poesia ainda estava lá. Estava. Quando eu lesse aquilo para ela, a Carmencita ia ficar apaixonada. Seria um gol de bicicleta.

Enquanto a gente ia chegando à casa da Carmencita, meu coração batia cada vez mais rápido.

Mas aí nós vimos uma coisa tão triste quanto o segundo gol do Uruguai: a Carmencita estava conversando no portão com o nosso maior inimigo, o Mauzinho. E ria muito. A gente ficou de lado, meio que escondido, esperando ele ir embora.

Só depois que ele saiu é que nós fomos falar com a Carmencita.

Eu disse: "Carmencita, você sabe quem é esse garoto?"

"Por cierto. Es Maurito", ela respondeu.

"Pois esse Maurito é muito malvado!", emendou o Dico.

"Muito malvado!", eu repeti, só para a idéia ficar mais forte.

"Nós estamos namorando", ela disse. Depois deu um suspiro e falou olhando para a lua:

"Maurito é um guerreiro como Obdulio Varela..."

Eu olhei para o Dico, o Dico olhou para mim, e nós fomos embora. Duas derrotas num mesmo dia era demais.

AGOSTO

A terceira partida do campeonato foi uma batalha dura contra os meninos da Escola Militar. O uniforme deles era meio verde e meio marrom, parecendo uma camuflagem, e eles entraram em campo marchando.

Os jogadores obedeciam direitinho o que o técnico deles mandava. A nossa sorte é que eles sempre faziam as jogadas mais óbvias no ataque, e assim a gente conseguia se defender sem problemas. Por outro lado, a defesa deles era muito boa e eles marcavam o Dico em cima.

No intervalo, o seu Landão falou para a gente:

"Meninos, o time deles é muito equilibrado e organizado. Para desequilibrar e desorganizar essa equipe, do que a gente precisa?"

Ninguém sabia o que responder. Mas a Senira, que estava ali do lado do seu Landão, falou:

"Criatividade! A gente tem que fazer o que eles não esperam. Temos que driblar, inventar!"

"Isso mesmo, Senira!", disse o seu Landão. Acho que se ela quisesse podia ter sido uma ótima técnica.

No segundo tempo a gente voltou correndo mais, indo de um lado para outro, dando muitos dribles e fazendo o que eles não esperavam. O Dico, que sempre jogava no ataque, foi para o meio-de-campo. Naquele dia ele não fez nenhum gol. Mas deu uns passes sensacionais. Nós ganhamos de 3 a 1, gols de Arigatô, Bala e Pé-de-cabra.

Eu também fiz um, só que contra. Cabecear de olho fechado dá nisso.

SETEMBRO

Tem coisas que são horríveis de ver. Por exemplo: sua bola caindo no vizinho, os pais brigando, uma bola furada, alguém pegando o último pedaço de bolo, a bola entrando no seu gol. Mas naquele mês de setembro eu vi uma coisa ainda mais terrível: o Mauzinho e a Carmencita de mãos dadas.

É claro que eu não gostava mais daquela menina. Aliás, eu odiava a Carmencita com todas as minhas forças (a não ser que ela quisesse namorar comigo, é claro). Mas mesmo assim era chato vê-la de sorrisinhos com o Mauzinho e falando: "Mi Obdulio querido..."

O time do Mauzinho também estava classificado para a próxima fase do campeonato e ele namorava com a menina mais bonita do mundo. Mas ele não se contentava com isso. Ele queria mais. Então, um dia, no recreio, quando eu estava conversando com a Senira sobre táticas de futebol (quer dizer, ela falava e eu escutava), o sujeito veio até nós e disse:

"Sabe no que eu estava pensando, Senira?"

"Pensando? Nossa, eu nem sabia que você fazia isso", disse a Senira, que era muito boa para dar respostas.

O Mauzinho nem ligou para o corte dela e continuou: "Estava pensando que eu devia ter duas namoradas. Os times não têm os titulares e os reservas? Então, eu também quero ter uma outra namorada para os dias em que a titular não estiver jogando bem. E a sua sorte é que eu escolhi você para ser a minha reserva."

A Senira ficou de várias cores: branca de susto, vermelha de raiva e verde de ódio. Aí respondeu: "Você é mesmo um tonto, Maurinho! Você acha que eu ia gostar de você?!" Aí olhou para mim e disse: "Menino é muito burro mesmo!" E saiu dali batendo os pés.

O Mauzinho ficou olhando ela sair, e viu que a Senira estava indo na direção da Carmencita. Ele me perguntou: "Será que ela vai contar tudo?"

Eu pensei "Tomara que conte!", mas falei "Sei lá".

As duas ficaram conversando por um tempo, e a Carmencita olhava ora para o Mauzinho, ora para a Senira. Depois, fez uma cara de má e começou a andar com uns passos bem duros para onde estávamos eu e o Mauzinho.

Eu achava que ela ia dar um tabefe nele e ia dizer que gostava era de mim. Parecia que eu já estava até escutando ela dizer: "Sussa, querido (ela não conseguia dizer o zê), eu não quero mais saber do Maurito. Você é muito mais bacana do que ele, mesmo jogando na ponta-esquerda, e mal."

Mas não foi o que aconteceu. Quando ela chegou, olhou para a gente e disse:

-Sabe o que a Senira me disse, Maurito? Que você queria que ela fosse a sua namorada resserva!"

"Eu?!", falou o Maurito (quer dizer, o Mauzinho) com a maior cara-de-pau. E continuou: "Imagina... que mentira! Eu só vim aqui perguntar para ela o que que eu podia te dar de presente."

"Quem é que está falando a verdade, Sussa?", ela me perguntou.

Eu fiquei na dúvida. Se eu dissesse que era o Mauzinho, a Senira ia ficar brava comigo. Se eu dissesse que era a Senira, o Mauzinho ia me dar uma bordoadinha. Eu pensei, pensei e tomei uma decisão. Aí fechei os olhos com bastante força, porque já esperava uma biaba na cabeça, e falei: "Foi a Senira que disse a verdade."

Eu escutei um "pof", mas não foi a mão do Mauzinho na minha cabeça. Foi o pé da Carmencita na canela do Mauzinho. Quando eu abri os olhos, vi que ele estava pulando num pé só feito um saci.

"Zuza, eu ainda te pego", ele disse. Mas eu dei uma risadinha e fui para a aula.

Uma noite, depois de mais uma briga entre meu pai e minha mãe, eu ouvi ele dizer: "Você quer saber toda a verdade?"

"Quero!"

"Pois então eu vou contar!"

Eu abri a porta do meu quarto um pouquinho, botei a cabeça para fora e preparei meus ouvidos. Pensei que ia ouvir uma terrível revelação, mas o que eu escutei foi: "Está curioso, seu Zuza?"

Eu tive que pensar bem rápido para dar uma boa desculpa, mas acho que consegui. Eu falei: "É que eu soltei um pum tão forte que não dá para respirar aqui dentro, por isso é que eu pus a cabeça para fora."

Percebi que meu pai estava se esforçando para não rir. Ele conseguiu e disse: "Fique no seu quarto e não saia daí. Mesmo que o próximo pum seja ainda pior!"

Eu fechei a porta rapidinho e fui deitar.

O chato é que eles foram conversar lá no fundo do quintal e eu não consegui entender nada. Mas tive a impressão de ter escutado um chorinho e minha mãe dizer: "Isósceles, você devia ter me contado antes..."

Depois dessa noite ele continuou saindo à noite, mas eles nunca mais brigaram.

Uns dias depois daquele chute na canela do Mauzinho, eu aproveitava o recreio para comer um sonho com recheio de goiabada (goiabada que a minha mãe comprou da bruxa das goiabas), quando a Carmencita veio até o banco onde eu estava. Ela sentou do meu lado, inclinou a cabeça de um jeito muito charmoso, olhou bem nos meus olhos e disse:

"Sussa, alguém chá (ela não conseguia falar o som do jota) te disse que você é muito bonitinho?"

Eu puxei pela memória e respondi com sinceridade: "Minha mãe."

Não sei por quê, mas ela achou aquilo muito engraçado e, depois de rir um bocado, falou: "Sussa, você não tem cheito mesmo!" E colocou a mão em cima da minha.

Eu senti que o meu braço tinha pegado fogo. Se eu fosse um desenho, os meus olhos iam ficar grandões e iam sair da cara e voltar, minha língua ia esticar e enrolar, ia sair fumaça pelos meus ouvidos e minha gravata ia girar no meu pescoço.

Como eu não sou, o que aconteceu é que eu não sabia o que falar nem para onde olhar. Decidi fazer de conta que não estava acontecendo nada (o que, aliás, era muito difícil, porque para mim estava acontecendo tudo) e olhei para as nuvens, para o meu sapato, para o meu sonho com recheio de goiabada e para a cara do Mauzinho.

"Mauzinho?!", eu pensei comigo.

Só então eu reparara que ele estava olhando para nós. E parecia que vinha fazendo isso há um bom tempo. Se ele fosse um desenho, estariam saindo raios dos olhos dele.

A Carmencita viu que eu tinha visto que o Mauzinho via a gente e falou: "Não liga para ele. O Maurito é um bobo."

"Parece que ele não está gostando muito dessa sua mão em cima da minha...", falei meio sem jeito.

"Problema dele. Quem mandou querer namorar com a Senira?"

Aí eu entendi o que estava acontecendo. A Carmencita só estava querendo se vingar do Mauzinho.

Eu pensei em várias coisas que eu poderia fazer naquela hora:

- a) deixar tudo como estava, aproveitando a mão dela sobre a minha;
- b) sair dali dizendo que eu não era prêmio de consolação;
- c) virar de lado e continuar comendo meu sonho;
- d) falar que, se ela estava fazendo aquilo, é porque ainda gostava do Mauzinho, e então devia voltar a namorar com ele.

Mas eu não fiz nada disso. Na hora eu improvisei uma alternativa "e" e disse:

"Se você quer mesmo deixar o Maurinho com ciúme, devia me dar um beijo."

Ela olhou para mim com uma cara espantada. Aliás (olha a minha palavra aí), eu também fiquei espantado com a minha resposta, porque não costumo ser tão espertinho.

Carmencita ficou um tempinho sem saber o que fazer, mas aí fez um biquinho e veio vindo devagar para o meu rosto. Porém, antes que os lábios dela encostassem na minha bochecha, o Mauzinho correu na nossa direção e me deu um tremendo soco no braço.

Pensei que a Carmencita fosse xingar o Mauzinho de tudo quanto é nome, mas o que ela fez foi ficar em pé na frente dele, dar um suspirinho e dizer: "Mi Obdulio Varela..."

E aí eles deram as mãos e saíram de fininho.

Eu fiquei ali, com o braço roxo e o coração despedaçado, sem saber o que doía mais.

Foi quando chegou a Senira.

"Você viu o que aconteceu?", eu perguntei.

"Vi", ela respondeu.

"Quase que eu beijei a Carmencita", disse enquanto massageava o meu braço.

"Está doendo?", ela perguntou.

"Ô!"

"Bem feito!"

E depois de dizer isso ela me deu um baita chute na canela. Eu, que esperava um pouco de solidariedade, apanhei de novo. E fiquei pulando que nem um saci.

OUTUBRO

O quarto jogo foi contra o Quinze de Novembro, um time que era igualzinho ao nosso: tinha um goleiro gordinho como o Azeitona (o Melancia), um beque grandão como o Espaguete (que tinha o apelido de Tripa), dois gêmeos como Cosme e Damião (mas que se chamavam Castor e Pólux), um lateral que corria feito o Bala (o Corisco), e assim por diante.

Eles tinham até um ponta-esquerda que errava tantos gols quanto eu. E o melhor jogador deles era um garoto muito parecido com o Dico e que se chamava Dito.

Quem vencesse iria para a final do campeonato.

O jogo, como era de se esperar, foi equilibrado até o final. Empatou em 2 a 2 e nós tivemos que ir para as cobranças de pênaltis.

Aí foi terrível. Eu, é claro, não fui um dos cinco escolhidos para chutar e fiquei de fora, só torcendo.

Então começou a disputa.

O Cosme mandou por cima; o Pólux chutou para fora: 0 a 0.

Pé-de-cabra deu um bico e marcou; Touro Louco quase furou a rede: 1 a 1.

Tom Mix colocou no canto com classe; Roy Rogers deslocou o goleiro: 2 a 2.

Bala bateu à meia altura e Melancia defendeu. Corisco tentou o ângulo e Azeitona espalmou: 2 a 2.

Faltava um pênalti para o Quinze de Novembro e outro para nós. Os que iam bater eram os dois melhores de cada time, o Dico e o Dito. Todo mundo fazia o maior silêncio. Seu Landão amassava o boné com as duas mãos. E a Senira, que aliás ainda estava de mal comigo, mordida o cabelo.

Então o Dico foi para a bola. Mas antes de chutá-la ele fez uma coisa que eu nunca tinha visto antes. Deu uma paradinha. Aí o goleiro caiu para um lado e ele chutou no outro. Foi um golaço!

Depois foi a vez do Dito. Ele também deu uma paradinha.

Aí o Azeitona caiu para um lado e ele chutou para o outro. Mas a bola bateu na trave. O Dito era bom, mas ninguém era igual ao Dico. Nós vencemos! O Sete de Setembro estava na final do campeonato! Parecia que estava tudo perfeito.

Mas não estava. O outro time era o Barão da Noroeste. O time do Mauzinho.

NOVEMBRO

Uns dias depois daquele jogo chegou o meu boletim. A minha nota estava muito baixa: eu tinha tirado 4,5. E na minha escola a média era 6,0. Se eu quisesse passar de ano, tinha que tirar 7,5 na última prova.

Quando meu pai viu aquele número vermelho, fez uma cara muito séria e disse:

"Estudar é uma coisa muito importante, meu filho. Eu não quero que você seja como eu."

"Eu ia gostar de ser carpinteiro", respondi.

"Não é disso que eu estou falando, é que... bom, deixa para lá... O que interessa é que esse negócio de futebol está acabando com os seus estudos, Zuza."

Eu fiquei com vontade de dizer para ele: "Não é o futebol, pai, eu não estou mais com vontade de estudar porque vi você e a professora Rosa de mãos dadas na casa dela." Mas o que eu falei foi: "É, pai, é o futebol..."

Ele continuou: "Por isso, Zuza, daqui para a frente não tem mais treino, nem jogo, nem campeonato."

Aquilo doeu como quando o time pro qual a gente torce toma um gol no último minuto. Eu até tentei argumentar, dizendo: "Mas pai, eu tenho que treinar, só falta uma partida para a gente ganhar o campeonato..."

"Já disse que não."

"Sem mim o time vai perder", eu falei, mesmo sabendo que isso não era exatamente verdade.

Mas ele foi inflexível: "Não tem mais bola até você passar de ano, Aziz!"

Eu não sei se já disse que o meu nome é Aziz. Se não disse, digo agora: o meu nome é Aziz. E o meu pai só me chamava de Aziz quando estava muito, muuuito bravo.

De tarde, quando eu estava fazendo a lição de casa, ouvi o assobio do Dico me chamando para o treino. Eu fiquei na dúvida: desobedeço ao meu pai ou não? Então, como

sempre acontece quando nós estamos em dúvida, comecei a conversar comigo mesmo. Uma parte de mim, a parte Aziz, queria ficar em casa e estudar. A outra parte, a parte Zuza, queria jogar bola. A conversa de mim comigo mesmo foi mais ou menos assim:

Aziz: Acho que é melhor não ir.

Zuza: Acho que ir é melhor

Aziz: O pai mandou estudar.

Zuza: Mas futebol é mais legal.

Aziz: Se nós formos, ele vai nos dar umas palmadas.

Zuza: Isso se ele ficar sabendo.

Aziz: Não se deve fazer nada escondido dos pais.

Zuza: Mas o pai vai escondido na casa da professora.

Aziz: Hum... acho que você está me convencendo...

Zuza: Pensa bem, Aziz, se ele pode fazer uma coisa errada, nós também podemos.

Aziz: Me convenceu de vez!

No instante seguinte minhas duas metades estavam pulando a janela.

Quando chegamos, os outros nove jogadores já estavam treinando. Do lado de fora do campinho, o seu Landão dava uns gritos, e a Senira e o seu Dondinho assistiam com a maior atenção.

Eu e o Dico entramos no jogo e tudo estava muito bacana. Mas, como dizia minha mãe, o que é bom dura pouco. De repente, logo depois de eu perder um gol, vi que meu pai estava andando na minha direção. E vinha com uma cara muito brava. Fiquei sem saber o que fazer. Queria correr, mas minhas pernas não saíam do lugar. Então ele atravessou o campo e veio até mim. O jogo parou e todo mundo ficou em volta da gente. Depois de o meu pai me olhar fixamente por uns cinco segundos (que, aliás, pareceram umas cinco horas), ele falou:

"Eu não disse para você ficar estudando?"

"Disse..."

"E você ficou?"

"Não..."

"Posso saber por quê?"

"É que quando o Dico assobiou eu não consegui resistir..."

"Ah, esse Dico... sempre levando você para o mau caminho!"

Quando ouviu aquilo, o Dico abaixou a cabeça. Já o seu Dondinho ficou bravo de verdade:

"Que história é essa, Isósceles?"

"É isso mesmo. O seu filho fica chamando o meu para o futebol, por isso que o Zuza anda tirando nota vermelha."

"Brincar não faz mal nenhum."

"Futebol não dá futuro, Dondinho!"

"Eles são crianças, Isósceles."

"Mas se não levarem a escola a sério vão acabar que nem você, centroavante de um timinho do interior!"

Aquela frase pegou o seu Dondinho de jeito. Primeiro ele baixou a cabeça, depois passou a mão no queixo, e aí falou bem devagar e sério: "Centroavante de timinho do interior é uma profissão muito honesta, Isósceles."

Pode ser impressão minha, mas acho que ele estava quase chorando.

O Dico ficou tão chateado que cochichou no meu ouvido:

"O seu pai foi estúpido."

E respondi: "O seu é que é!"

Ele falou: "É o seu!"

Eu disse: "É o seu!"

Ele berrou: "É o seu!"

Eu gritei: "É o seu!"

"É o seu!!"

"É o seu!!!"

"É o seu!!!!"

"É o seu!!!!!"

"É o seu!!!!!!"

"É o seu!!!!!!!"

Aí nós paramos de falar e passamos a brigar de verdade. O resto do time achou aquilo muito divertido e a gente só escutava os gritos:

"Vai, Zuza!"

"Dá-lhe, Dico!"

Mas então o seu Landão e os nossos pais acabaram com a luta e nos separaram. O Dico foi para casa com o seu Dondinho e eu fui com meu pai.

Enquanto eles nos levavam pela mão, cada um para seu lado, eu gritei para o Dico: "Eu não sou mais seu amigo!"

E ele respondeu: "Sorte a minha!"

E eu disse: "Sorte nada, azar!"

E ele: "Sorte!"

E eu: "Azar!"

"Sorte!"

"Azar!!"

"Sorte!!!"

"Azar!!!!"

E ficamos gritando até que um não conseguia mais escutar o outro.

Estava tudo muito ruim. Eu não podia mais jogar bola, não agüentava olhar para a professora, a Senira virava a cara para mim e eu não falava mais com o Dico.

Para piorar, o meu pai continuava saindo toda noite. E eu sabia para onde ele ia.

Então tive uma idéia para acabar com aquela história!

Eu ia ficar no teto da casa da professora e fazer uma voz de alma penada, ordenando que ele parasse com isso.

À noite, quando eu vi que ele tinha saído, pulei a janela e fui correndo até a casa da professora por outro caminho. Aí pulei o muro dela e, bem de mansinho, fui subindo no telhado. Logo depois o meu pai chegou. Eu esperei um pouquinho e fiz uma voz bem grossa, tão grossa que vou até escrever com outro tipo de letra:

"Isóóósceles, aqui quem fala é uma alma penada, Isóóósceles".

Eu já tinha planejado que ia mandar o meu pai parar de visitar a professora e, se desse tempo, ia falar para ele deixar aquele menino bacana, o Zuza, jogar futebol com os amigos dele. Mas não consegui fazer nada disso. Antes que eu dissesse mais alguma coisa, o telhado quebrou e eu caí bem no meio da sala.

Levantei o mais rápido que pude. Quando fiquei de pé, vi que os dois olhavam assustados para mim. Ficamos um tempo ali, sem que ninguém conseguisse dizer uma só palavra, até que eu falei:

"Eu sei de tudo!"

"Sabe?", a professora perguntou.

"Sei!", disse com cara de bravo.

"Desculpe, Zuza, estou muito envergonhado... eu devia ter falado tudo para você...", meu pai disse. "É que não é fácil contar para o filho que a gente é analfabeto. Cada vez que você me pedia para te ajudar na lição eu me sentia o homem mais burro do mundo... Sabe, eu nunca fui à escola... Acho que é por isso que eu quero que você estude tanto."

Aquilo me pegou de surpresa. E eu fiz o que todo mundo faz quando tem uma grande surpresa: nada. Fiquei parado e mudo, só escutando o meu pai falar.

"Mas agora eu já aprendi a ler, Zuza. A professora Rosa me ensinou tudo. E não foi fácil, não. No começo eu nem sabia segurar no lápis. Ela teve que segurar nessa minha mão grossa e sem jeito para que eu conseguisse desenhar as letras. A sua mãe também está me ajudando. No começo eu não contei para ela, mas depois que eu falei ela até me comprou um caderno de caligrafia. Hoje eu já sou um craque. Olha só a minha letra! Já posso até te ajudar na lição de casa."

Aí ele me mostrou o caderno dele e estava mesmo muito bacana. Mas então, não sei por quê, me deu uma vontade de chorar e eu saí correndo para casa, que é uma boa coisa para a gente fazer quando não sabe o que fazer.

DEZEMBRO

Foi o meu pai quem me ajudou a estudar para a prova final e tenho certeza que, sem ele, eu não teria passado de ano. Tirei 8,5 na prova. 8,5! Mais do que eu precisava.

Quando lhe mostrei o boletim, ele ficou olhando algum tempo para o papel, pensando em não sei o quê, e depois disse: "Vai jogar futebol, vai."

Daquela vez eu fui superobediente e saí correndo na mesma hora.

Chegando ao campinho, eu perguntei para o seu Landão: "Tem lugar para mim?"

Ele me olhou de cima a baixo e perguntou: "Você fica um mês fora do time e depois quer voltar?"

Eu não sabia o que responder. Então caprichei numa cara de coitado que eu faço de vez em quando e que eu aprendi olhando o jeito dos cachorros pedirem comida. Deu certo.

"É claro que tem lugar para você, Zuza, não precisa fazer essa cara. Eu só estava brincando. Vai lá para a sua ponta-esquerda", mandou o seu Landão. E eu fui. Naquele dia eu estava muito obediente. Aliás, é sempre fácil obedecer quando mandam a gente fazer o que a gente quer fazer. O que eu não entendo é por que não se faz isso mais vezes.

Um dia, como chovia muito, eu estava em casa lendo gibi. Então escutei uma tremenda explosão.

"O que foi isso, mãe?", eu perguntei.

E como minha mãe sabia todas as respostas, falou: "Acho que foi no campo de aviação."

Eu saí correndo para lá. Ela ainda gritou "Zuza, Zuza!", mas as minhas pernas não escutaram e eu continuei correndo.

Quando cheguei ao campo de aviação, já tinha um monte de gente do lado de fora da cerca. A minha mãe veio logo depois. No meio da pista havia uma coisa muito quebrada que estava pegando fogo, e que algumas pessoas tentavam apagar. Eu quis ir até lá para ver o que era, mas minha mãe não deixou. Só colocou as mãos nos meus ombros e falou: "O Pássaro de Fogo caiu."

Ficamos lá um bom tempo. A chuva continuava caindo e aos poucos as chamas foram se apagando. Agora só uma fumaça saía do Pássaro de Fogo. Aí é que nós vimos que uma das pessoas que apagaram o incêndio foi o seu Landão. Por acaso ele andou para onde eu estava. Quando me viu, deu um olhar que eu nunca vou me esquecer. Ele não precisou dizer nada, eu entendi que o Avião estava morto.

De certa forma, alguma coisa ali morreu em mim também. Nunca tinha morrido uma pessoa que eu conhecesse. E agora eu sabia que um dia isso acontecia. E com todo mundo. Apertei minha mãe com toda a força.

Na volta para casa, eu perguntei para ela: "Por que as pessoas têm que morrer?"

E foi a primeira vez que eu ouvi ela responder "Não sei".

Nós andamos em silêncio até em casa. Lá, a minha mãe me fez um mingau de chocolate. Botou tudo em dois pratos e nós ficamos comendo na cozinha. Então eu arrisquei outra pergunta: "Se todo mundo morre, o que que adianta viver?"

Ela ficou um tempo passando a colher em volta do prato e depois respondeu: "Eu acho que a vida é mais ou menos como este mingau. É uma coisa muito boa, muito gostosa, mas que a gente sabe que vai acabar. Só o que a gente pode fazer é aproveitar cada pedacinho e dividir com quem a gente gosta."

Depois ela deu um sorriso daqueles que só as mães sabem dar e me deu uma colherada de mingau. Aí eu enchi a minha colher o mais que dava e coloquei na sua boca. Quem fez o caixão do Aviator foi o meu pai. Eu pedi para ele caprichar bastante e ele disse que ia fazer o melhor possível. E o caixão ficou muito bonito mesmo, se é que um caixão pode ser bonito.

No velório, eu sentei do lado do meu pai, que sentou do lado do seu Dondinho, que sentou do lado do Dico. Todo mundo estava muito sério, muito triste e muito calado. De repente, meu pai puxou conversa com o seu Dondinho. Eu prestei a maior atenção. Se eu fosse um desenho, a minha orelha teria ficado enorme.

"Pois é...", começou o meu pai.

"Pois é...", continuou o pai do Dico.

"Dondinho, desculpe aquelas coisas que eu falei..."

"Deixa para lá, Isósceles, a gente fala muita coisa quando está nervoso."

"Você estava certo, criança tem que brincar."

"Mas você não estava errado. Criança tem que estudar."

"A vida é muito curta para a gente perder tempo com bobagens, não é, Dondinho?"

"Muito curta, Isósceles." E os dois apertaram-se as mãos.

O Aviator não tinha família, por isso todo mundo dava pêsames para o seu Landão, que era o melhor amigo dele. Uma hora, o seu Landão veio mancando até nós, tirou do bolso dois óculos de voar, e deu um para mim e o outro para o Dico.

Aí eu virei para o Dico e falei igualzinho ao meu pai: "A vida é muito curta para a gente perder tempo com bobagens, né, Dico?"

Ele respondeu: "É."

Aí nós nos apertamos as mãos e eu disse: Ainda mais que a final do campeonato é na semana que vem."

"É mesmo!", ele respondeu. "Vamos treinar amanhã?"

"Por mim pode ser hoje."

Aí nós pedimos para ir embora do velório e os nossos pais deixaram. Passamos na casa do Dico, pegamos a bola e fomos para o campinho. Lá nós treinamos um bocado de cruzamentos (que às vezes eu acertava), de chutes (que eu quase nunca acertava) e de cabeçadas (que eu errava todas mesmo, porque sempre cabeceava de olhos fechados).

Depois o resto da turma apareceu. Até a Senira, que uma hora me perguntou: "Como vai a sua amiga Carmencita?"

"Ela não é minha amiga. Ela nem sabe jogar futebol", respondi.

Aquela vez a Senira jogou bem à beça.

Já eu e o Dico jogamos mal. Também, não é fácil jogar com óculos de voar.

Naquele dia nós ficamos jogando até de noite. Pusemos umas velas nas traves e cada um foi pegar um lampião em casa, e depois a gente colocou nos lados do campinho. Cheguei em casa muito cansado e com a roupa de sair toda suja. Mas minha mãe não me deu bronca. E, como eu estava com uma fome tremenda, ela me fez mais uma pratada de mingau de chocolate. No dia 30 de dezembro é que aconteceu a grande final do campeonato. Dos 32 times que começaram a disputa, só tinham sobrado o Sete de Setembro e o Barão da Noroeste.

Fazia um tremendo sol. Os nossos uniformes estavam tinindo de limpos e um monte de gente foi ver o jogo, todos com roupa de missa. Algumas mulheres estavam até de chapéu. Meu pai, minha mãe e a dona Celeste ficaram na arquibancada, que estava enfeitada com bandeirinhas. O seu Dondinho ficou sentado num banco à beira do gramado junto com o seu Landão. A Carmencita foi de vestido vermelho, que era a cor do uniforme do Barão, e a

Senira estava de azul, que era a cor do nosso. Uns garotos ficaram em cima das árvores para ver melhor. Até a dona Maria das Dores, a bruxa das goiabas, foi ver o jogo.

Tinha também uma banda que tocava umas marchinhas muito animadas, mas o que eu mais gostei estava numa mesa, ao lado do centro do campo. Era a taça Júlio Ribeiro, que seria o prêmio para o campeão. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto. Toda dourada, com uma mulher segurando uma espécie de bacia. Era uma coisa que só um grande herói podia ganhar. Eu pensava que ela devia ter sido feita por um grande artista e custava uma fortuna.

A festa tinha até uns alto-falantes, onde o locutor falava a toda hora:

"A taça Júlio Ribeiro é um oferecimento do açougue Boi Preto, há 25 anos oferecendo a melhor carne para a família bauruense."

Nós estávamos fazendo o aquecimento, dando umas corridinhas para cá e para lá, quando entrou em campo o time do Barão da Noroeste. Senti um negócio na garganta. Eles pareciam mais altos que a gente. O Mauzinho, então, estava parecendo um monstro.

O técnico deles era o pai do Mauzinho, o seu Maurão. Quando o seu Dondinho viu o pai do Mauzinho, falou:

"Landão, aquele foi o cara que me quebrou no treino do Atlético!"

O seu Landão olhou para o pai do Mauzinho e respondeu: "E quem você acha que me estragou o joelho?"

"O Mauzão?"

"O Mauzão."

"Piiiiiii!", fez o apito do juiz quando começou o jogo. Me deu um tremendo friona barriga. O nosso time estava nervoso, errava muitos passes, tropeçava na bola e fazia um monte de besteira. Lá da beira do gramado, o seu Landão gritava:

"Meninos, o que é isso? Eu que manco e vocês que são pernas-de-pau!?"

A nossa sorte era ter o Azeitona de goleiro. Ele não era muito ágil, mas ocupava quase todo o gol. O Azeitona não conseguia segurar a bola, então mandava todas para escanteio.

Aí vinha o cruzamento, mas não tinha problema, porque o Espaguete ganhava todas as jogadas por cima. E por baixo tinha o Tom Mix, que sempre chegava e mandava uma bicuda na bola. Na lateral-direita o Bala corria como sempre e, na esquerda, o Veludo jogava com classe.

Ou seja, a nossa defesa era uma verdadeira muralha. Mas até a muralha da China tem os seus buracos.

Tanto que o Mauzinho driblou todo mundo e fez 1 a 0 para o Barão da Noroeste.

Eles comemoraram muito aquele gol. A Carmencita até mandou um beijo para o Mauzinho. Dessa vez eu nem fiquei com raiva.

Quando olhei para o seu Landão, vi que ele passava a mão no joelho ruim, como se tivesse levado outra pancada. Mas aí respirou fundo, levantou a cabeça, bateu palmas e gritou: "Vamos lá, molecada, vamos ganhar este jogo que dá pé!"

O nosso time estava meio triste, e eu me sentia meio como no dia em que tinha escutado rádio na casa do Dico e o Brasil tinha perdido do Uruguai. Então, quando eu pensava nisso, o juiz deu outro "piiiiii!" e acabou o primeiro tempo.

No intervalo o seu Landão falou assim para a gente: "Ô, molecada, o que que vocês têm hoje? Parece que estão com o pé mais torto que o meu! Eu acho que vocês estão com medo de perder, não é? Pois então eu vou dizer um negócio: não faz mal se a gente perder. Não dá para ganhar sempre mesmo. E se vocês perderem este jogo, não vai acontecer nada de ruim. Por isso eu quero que nesse segundo tempo vocês joguem como quem gosta de jogar bola. Quero ver todo mundo se divertindo. Quem se diverte dando chutão vai dar chutão, quem gosta de correr vai correr, quem gosta de driblar vai driblar. Este é que é o segredo. Jogar futebol com gosto. O resto é bobagem."

Logo que o juiz deu o "piiiiii!" para começar o segundo tempo, deu para ver que o nosso time estava jogando bem melhor.

A gente corria com mais vontade, como se estivesse mais leve.

O Cosme e o Damião faziam tabelinhas no meio do campo e enganavam todo mundo, o Pé-de-cabra ficava trombando com os zagueiros, o Tom Mix dava suas bicudas e o Dico fazia de tudo: driblava, passava, lançava, chutava, cabeceava, armava e atacava.

A diferença entre o Dico e os outros meninos é que a gente gostava de futebol, mas ele adorava. Se pudesse, ele jogava bola o dia inteiro. E também tinha outra diferença: enquanto todo mundo fazia as coisas que todo mundo faz, ele fazia coisas que ninguém fazia. Era como se fosse um mágico de circo, cheio de truques.

Eu, que estava meio ali do lado do campo, escutei o seu Landão dizer para o seu Dondinho:

- "O Dico joga com gosto."

- "Ele ama a bola."

- "E a bola ama o seu filho. Isso vai dar em casamento."

Foi então que, depois de dar um tremendo drible no Mauzinho, o Dico passou a bola para mim e gritou: "Cruza, Zuza!"

Eu mirei na cabeça dele, mas, como sempre, a bola saiu meio torta e estava descendo um pouco atrás dele. Mas o Dico fez uma coisa que eu nunca tinha visto antes: ficou de costas para o gol do adversário, deu uma espécie de pirueta e mexeu as pernas como se estivesse andando de bicicleta. E ele conseguiu chutar a bola, que entrou bem no cantinho do goleiro!

A gente vibrou à beça! Eu olhei para a arquibancada e vi que a minha família e a do Dico tinham ficado de pé e batiam palmas. Até a dona Das Dores, a bruxa da goiaba, estava dando pulos.

Mas aí, durante a comemoração, o Mauzinho e o Pé-de-cabra começaram a discutir. O Mauzinho disse que na verdade o Dico tinha escorregado e que o gol tinha acontecido por acaso, e o Pé-de-cabra respondeu que ele era uma besta, porque tinha sido um tremendo gol e que o Mauzinho nunca ia fazer um igual. Então eles começaram a se empurrar e logo os dois times começaram a gritar no meio do campo. Foi quando o Azeitona, mesmo sendo gordinho, saiu correndo lá de trás e deu uma baita cabeçada na barriga do Mauzinho. O juiz não teve dúvida: expulsou o Azeitona!

Como naquele tempo ainda não tinha substituição, alguém ia ter que pegar no gol. E o melhor era o Dico.

Com o nosso craque jogando de goleiro e com um a menos em campo, começou o bombardeio. Sorte nossa que o Dico era tão bom no gol quanto na linha, e fazia umas defesas fantásticas.

O jogo continuava 1 a 1. Mas então, no último minuto, depois que o Dico segurou uma bola, eu gritei:

- "Manda pra mim, Dico!"

Ele deu um baita chutão. A bola subiu muito e atravessou todo o campo. Eu vi que ela vinha exatamente na minha cabeça. Aí eu me perguntei:

- "O que que eu faço?"

E eu me respondi:

- "Sei lá!"

Eu estava de costas para o gol e de frente para a bola. Ela veio descendo, descendo, descendo e eu fechei bem os olhos e torci para não doer muito.

Só o que eu escutei foi um "tóin" da bola batendo na minha cabeça, depois um "tchiiiii" da bola encostando na rede e o "piiiaiii!" do apito do juiz acabando o jogo. **Foi o maior gol da minha vida. Pena que eu não vi.**

Quando eu abri os olhos, estava uma tremenda festa. Todo mundo comemorava. Cosme e Damião se abraçavam, Bala corria de um lado para outro feito um doido, Veludo dançava de felicidade, Tom Mix se pendurava em Espaguete, Pé-de-cabra mostrava a língua para os inimigos, Arigatô olhava para o céu e agradecia, o seu Landão pulava num pé só, nas arquibancadas as pessoas batiam palmas e a Senira, que estava linda, desceu para me dar os parabéns.

"Parabéns", ela disse, "foi um golaço."

Aí eu engoli em seco, respirei fundo e falei:

**Não há como negar,
és a mais bela do mundo,
e também de toda a escola.
Se comigo aceitar
namorar por um segundo,
para sempre vou te dar
sorvete, carinho e bola.**

Ela fez uma cara de espantada e não conseguia falar nada. Nós ficamos ali, olhando um para o outro, e parecia que o tempo tinha parado.

Até que perguntei: "Você acha que eu sou pior poeta ou jogador?"

"Acho que dá empate", ela disse. "Você é ótimo nos dois." Então ela fechou os olhos e fez um biquinho.

No segundo seguinte veio um monte de gente para cima de mim. Eles me apertaram, me abraçaram e o time inteiro me levou nos ombros. Vi meus pais contentes e sorrindo, vi a professora Rosa e a dona Celeste enxugando os olhos, vi a bruxa das goiabas batendo palmas, vi a Senira sorrindo e me mandando um beijo com a mão, vi o Dico segurando a taça e sendo carregado bem alto pelo seu Dondinho.

Enquanto nós estávamos ali, nos ombros das pessoas e mais altos que os outros, eu gritei para ele: "A vida é que nem mingau de chocolate!" Não sei se ele entendeu o que eu quis dizer, mas lambeu os beiços e deu uma tremenda risada. Depois daquele jogo, aconteceu o inevitável: a gente cresceu. Cada um foi pro seu lado e fez a sua própria vida.

O Azeitona virou massagista e engordou tanto que em 1974 foi eleito rei Momo do carnaval de Bauru.

O Bala foi trabalhar no correio e virou o carteiro mais rápido da cidade.

O Espaguete abriu uma cantina e também engordou muito. Como ele ficou meio redondinho, hoje todo mundo chama ele de Nhoque.

O Tom Mix, com aquele seu estilo meio durão, virou delegado.

O Veludo virou o alfaiate mais chique da cidade. Ele sempre foi um cara de muita classe.

Os irmãos Cosme e Damião formaram uma dupla sertaneja que até fez um certo sucesso.

O Arigatô abriu uma granja e se deu muito bem na vida. Dizem que ele fala "Arigatô!" cada vez que uma galinha bota um ovo.

O Pé-de-cabra ficou meio louco e foi parar num hospício. Só que depois de um tempo fugiu. E hoje é vereador.

O Dico continuou jogando futebol. Só que mudaram o apelido dele, que passou a ser Pelé. Aí foi jogar no Santos, marcou mais de mil gols e acabou sendo o maior jogador de todos os tempos. E eu me casei com a Senira e virei dono de uma fábrica de calendários.

Hoje sou uma pessoa comum, com uma história comum. Se bem que talvez nenhuma história e nenhuma pessoa sejam realmente comuns. Nem o Azeitona, nem Bala, nem Tom Mix, nem Espaguete, nem Veludo, nem Cosme e Damião, nem Arigatô, nem Pé-de-cabra, nem eu... e nem o Pelé, que, aliás, pra mim vai ser sempre o meu amigo Dico.